



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI
REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 10 – Nº 21 - Janeiro - Julho 2015

Semestral
ISSN: 1809-6220

Artigo:

**CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN:
DESAFIOS E PROPOSTAS SIGNIFICATIVAS NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

Autoras:

DUARTE, Emanuelle¹

KOPROSKI, Aline²

COSTA, Gisele Maria Tonin da³

¹ Professora habilitada no Magistério, acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade da Fronteira Sul UFFS, capacitada em RH para atuar com Deficiência Intelectual (DI), Pós graduanda em Educação Especial, com ênfase em DI / IDEAU. Professora do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Zambrzycki – Getúlio Vargas. Endereço: Rua Simão Flores, 573. Bairro Centro, Estação-RS. Cep: 99930-000. e_manuelle_duarte@hotmail.com

² Professora habilitada no Magistério, graduada em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Erechim. Capacitada em RH para atuar com Deficiência Intelectual (DI), Pós graduanda em Educação Especial, com ênfase em DI / IDEAU, Graduanda do Curso de Jornalismo na Universidade de Passo Fundo - UPF. Professora de Língua Inglesa na Empresa Senac, Professora do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali e da Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Doutora Vera Beatriz Sass. Erechim –RS. Cep: 9997000-000. alinekoproski@hotmail.com

³ Orientadora. Pedagoga, Especialista em Planejamento e Gestão da Educação, Mestre em Educação. Coordenadora do Curso de Pedagogia e Psicologia, professora de cursos graduação e pós-graduação da Faculdade IDEAU. Endereço: Rua Jacob Gremmelmaier, 636/401. Bairro Centro, Getúlio Vargas-RS. Cep: 99900-000. gisele@centereletronica.com.br

CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: DESAFIOS E PROPOSTAS SIGNIFICATIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Não seja intransigente,
A natureza é plural!...
O igual é diferente
E o diferente é igual.
(CARNEIRO, 2011, p.8)

Resumo: Tornou-se um desafio proporcionar as mesmas oportunidades educativas para todos os estudantes. Fica evidente que existem inúmeros fatores sociais e educacionais que aumentam a lacuna no processo de aquisição da leitura e escrita em crianças com Síndrome de Down. Quando se fala de indivíduos com necessidades especiais evidencia-se que eles necessitam de atenção especial e uma proposta de ensino significativa que atenda cada um de acordo com suas necessidades. Conhecendo estes problemas acredita-se que a Alfabetização deve atender e auxiliar, com métodos de ensino diferenciados, visando uma aprendizagem satisfatória e o sucesso dos estudantes com Síndrome de Down. O presente artigo compreende um estudo sobre a alfabetização de crianças com Síndrome de Down abordando também os desafios e propostas significativas deste importante processo. Agregadas a este tema principal, um dos objetivos deste trabalho baseia-se em identificar as características da criança com Síndrome de Down e a retrospectiva histórica da evolução sobre as deficiências. Bem como, dar ênfase à importância de atividades lúdicas e prazerosas, atuando para que haja um ensino mais igualitário, livre de distinções e pré-conceitos.

Palavras-chave: Síndrome de Down, alfabetização, propostas de ensino.

Abstract: It became a challenge to provide the same educational opportunities for all students. It is clear that there are numerous social and educational factors that increase the gap in the process of acquisition of reading and writing in children with Down syndrome. When it comes to individuals with special needs it is evidenced that they require special attention and a significant education proposal that meets each one according to your needs. Knowing these problems it is believed that literacy must meet and assist, with different teaching methods, aiming at a satisfactory learning and success of students with Down syndrome. This article comprises a study on literacy of children with Down syndrome also addressing significant challenges and proposals of this important process. Aggregated to this main theme, one of the goals of this work is based on identifying the characteristics of children with Down syndrome and the retrospective history of evolution about the shortcomings. As well, emphasizing the importance of playful and pleasurable activities, working for a more egalitarian education free of distinctions and preconceptions.

Key words: Down syndrome, literacy, educational proposals.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escola mudou ao longo dos anos, foi ganhando espaços, novas formas de se entender e fazer educação, foi abrindo novas possibilidades de escolhas, de metodologias, de alternativas para tornar o ensino mais eficiente e atrativo. Em dias atuais, mais um desafio é proposto à escola, e este diz respeito à inclusão de alunos com deficiência. Sabe-se que é dever da escola receber todos os alunos e propiciar a estes uma aprendizagem significativa, que possibilite a cada um o desenvolvimento de habilidades, aprendizados importantes para sua vida social, intelectual e prática. Diante disso, será aprofundado o estudo sobre a

alfabetização de crianças com Síndrome de Down partindo do pressuposto de que elas aprendem, mesmo que em tempo e de maneiras diferentes.

A escola funciona como um todo dinâmico e interdependente, e sabendo disso, deve trabalhar de forma coletiva para que garanta uma educação de qualidade para seus estudantes. O papel do professor na aprendizagem dos seus alunos é fundamental para que aprendam de maneira significativa, portanto, cabe a ele fornecer a base para que o estudante aprenda, mas deve levar em conta que a aprendizagem é feita individualmente e conseqüentemente, em tempos diferentes. Por isso, a necessidade de reconhecer essas diferenças, respeitá-las e buscar propostas e estratégias de ensino que contribuam para o processo de alfabetização, já que este é de suma importância para o educando.

Inicia-se fazendo um apanhado histórico sobre como foi tratada a questão da deficiência ao longo dos anos para compreender o seu processo de evolução até chegar à inclusão dos dias atuais. Junto desse resgate, será dada ênfase nas características específicas da Síndrome de Down e como ela se origina. Na sequência, abordamos como se dá o processo de alfabetização, o que é importante o professor saber sobre ele, principalmente quando se trata de crianças com Síndrome de Down.

Segue-se mostrando algumas concepções e práticas pedagógicas de alfabetização com crianças com Síndrome de Down nas escolas de Educação Inclusiva e também em APAES. Junto deste importante capítulo, trazemos o relato de duas professoras alfabetizadoras das quais colaboraram com esse trabalho, socializando importantes aspectos de sua prática por meio de questionário que entregamos a elas. Sabendo que a alfabetização de crianças com Síndrome de Down é um processo que exige algumas especificidades, para enriquecer a teoria utilizada e contemplar exemplos práticos, elencamos algumas estratégias e propostas que contribuem para as diferentes áreas do conhecimento, e em específico a alfabetização de forma lúdica e dinâmica.

2 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EVOLUÇÃO SOBRE AS DEFICIÊNCIAS E CARACTERÍSTICAS DA SÍNDROME DE DOWN

A escola e a educação em geral funcionam como um corpo humano, e para que ocorra tudo da melhor maneira possível é preciso que tudo esteja articulado e em harmonia. Nos dias atuais isso é um desafio ainda maior uma vez que a educação passou por importantes transformações no decorrer do tempo. A principal modificação da qual a escola é cada vez mais desafiada a se reestruturar, talvez seja em relação à inclusão de pessoas com deficiência,

pois apesar de já ter dado passos para que se faça acontecer ainda tem desafios a vencer nessa questão. Para que se compreenda o que é de fato inclusão faremos um apanhado histórico para que possamos melhor compreendê-la e perceber o quanto já avançou e os desafios que ainda tem que superar.

Como aponta Mônica de Carvalho Magalhães Kassar (1999), pouco se sabe sobre a deficiência antes da Idade Média. Na antiga Grécia, as crianças com deficiências aparentes eram abandonadas, pois naquela época e lugar se prezava muito pela beleza do corpo. Um pouco mais tarde foram criados lugares retirados destinados a elas onde eram deixadas pela família. O primeiro deles surgiu na Bélgica no século XIII. Com o cristianismo, a igreja católica cuidava dessas crianças desde que a família pagasse, tudo era feito com a intenção de lucro. Diziam às famílias que não se deviam matar as crianças para que não sofressem punições divinas, e que, no lugar disso, deveriam ser deixadas na igreja para serem purificadas.

O progresso e estudos feitos por médicos, e também profissionais do ramo da psicologia e da pedagogia ajudaram muito para pensarmos na educação inclusiva em dias atuais. Em 1994 em Salamanca foi feita uma conferência mundial visando à educação para todos e tratando da inclusão de crianças com deficiência e a necessidade de ações na área da educação especial, do qual resultou na escrita da conhecida “Declaração de Salamanca”. Esse documento traz importantes informações acerca do assunto dizendo que cada criança tem características e centros de interesses de aprendizagens próprias e que estas devem ser respeitadas e incluídas em escolas regulares sendo que a educação deve estar centrada na criança indo ao encontro com as suas necessidades. (SALAMANCA, 1994)

Apesar de não ser lei, a Salamanca é uma declaração e um dos documentos mais importantes que tratam da educação inclusiva. Nela encontramos a informação que as escolas devem acomodar todas as crianças com as suas diferentes necessidades educacionais especiais. Define também o que entende por esse termo dizendo que “refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem” (SALAMANCA, 1994, p.3). Também está presente no documento um dos princípios mais importantes da escola inclusiva que é o fator de que as crianças devem aprender juntas apesar das dificuldades e particularidades que elas têm. A escola inclusiva deve buscar satisfazer as necessidades de cada indivíduo assegurando uma educação satisfatória para todos por meio de um currículo apropriado que atendam as diferentes demandas.

Embora tendo avançado muito, algumas escolas ainda confundem o termo integração e inclusão, algumas tem uma visão equivocada, pensando que estão fazendo a inclusão, mas na

verdade o que fazem é apenas integração. Para diferenciar esses termos utiliza-se a ideia da autora Rosita Edler Carvalho que diferencia ambos dizendo que no modelo organizacional pautado na integração “os alunos deveriam adaptar-se às exigências da escola e, no da inclusão, a escola é que deve se adaptar às necessidades dos alunos” (2004, p.67). Desse modo é necessário que toda a escola esteja disposta a avançar nesse sentido buscando se especializar para que a participação e aprendizagem sejam garantidas para seus estudantes.

Atualmente, a Inclusão Escolar não é somente um debate ou uma tendência, mas sim, um direito assegurado ao estudante por Lei. Depois da Salamanca, outros documentos defendendo a garantia da Educação Inclusiva foram surgindo e ganhando espaço no cenário da educação. Dentre eles, podemos citar a Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira, de 1996, que dedica um capítulo para a Educação Inclusiva; a Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001 que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Em 2007 temos a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Em 2009, a Resolução Nº 4, de 2 de Outubro que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. E em 2010 foi promulgado o Parecer CEED nº 251/2010 que regulamenta a Educação Especial no RS.

Todos esses documentos são de extrema importância e mostram como a Educação Inclusiva ganhou seu espaço, garantida inclusive em lei. Muito tem a ser dito em relação à esse documentos, mas como não é o objetivo neste momento, seguiremos falando sobre características próprias da Síndrome de Down.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA SÍNDROME DE DOWN

Será abordada neste momento a Síndrome de Down que traz junto dela a deficiência intelectual e, conseqüentemente, dificuldades de aprendizagem. Dráuzio Varella é um conhecido médico, cientista e escritor que por seu conhecimento e estudos na medicina popular participa de importantes programas de televisão e traz informações sobre a síndrome. Segundo ele, a Síndrome de Down também conhecida como trissomia no cromossoma 21, acontece devido uma alteração genética em que ocorre um erro na divisão celular durante a divisão embrionária. Sendo assim, no lugar de possuírem dois cromossomos no par 21, possuem três.

Não se sabe exatamente a causa da síndrome, mas existem características típicas devido às alterações provocadas pelo excesso de material genético no cromossomo 21. O doutor Dráuzio também lista algumas dessas características, destacando: olhos puxados,

semelhantes aos dos orientais, rosto arredondado, mãos menores com dedos curtos, prega palmar única e orelhas pequenas são algumas das características. Também, possuem hipotonia que se refere à diminuição do tônus muscular, tendo mais chances de ter a língua protusa e atraso na articulação da fala. Essas são as características mais comuns, mas existem muitas outras que variam de pessoa para pessoa dependendo da intensidade da síndrome. Embora alguns tenham traços mais leves, todos possuem deficiência intelectual associada à síndrome e, por isso, aprendizagem mais lenta.

Varella informa também sobre o diagnóstico da síndrome apontando que se pode sugerir a presença ainda durante a gestação, vindo a ser confirmada depois do nascimento com exames de estudo dos cromossomos. O risco de ter um bebê com Síndrome de Down aumenta para as mulheres que possuem mais de quarenta anos. Apesar de esta ser uma doença genética que não tem cura, as crianças com a síndrome necessitam ser estimuladas desde o nascimento para que possam desenvolver o máximo seu potencial com os profissionais da área da saúde e da educação para estimular principalmente o convívio social. A estimulação precoce atrelada a uma alimentação adequada, cuidados com a saúde e um ambiente acolhedor é muito importante para essas crianças se desenvolverem da melhor maneira possível.

Em relação à educação formal, é adequado que as crianças frequentem a escola regular e que sejam respeitadas as suas limitações e estimuladas as suas potencialidades. É importante que frequentem também as APAEs onde encontram um grupo de profissionais preparados para auxiliá-las. Em relação à educação, o Dr. Zan Mustacchi em uma entrevista divulgada em revista e feita por João Henrique Gonçalves também defende a importância de as crianças com Síndrome de Down frequentarem ambos os espaços educativos. Dr. Zan é um importante médico que tem um vasto currículo na área da medicina e que defende a ideia de que “respeitar a individualização de cada um de nós” é de extrema importância. (GONÇALVES, 2011, p.19)

3 INSERÇÃO DE CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Como consequência positiva da inclusão desde a Educação Infantil de crianças com deficiências, inclusive com Síndrome de Down, deu-se maior atenção ao desenvolvimento escolar destas crianças e passou-se a debater sobre um tema de suma importância: o processo de alfabetização de crianças com Síndrome de Down nos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental. A alfabetização destas crianças vem despertando em escolas, professores e sistemas de ensino a busca por um ensino significativo, com estimulação de todas as áreas do conhecimento e que vise à diversidade e o respeito às especificidades de cada estudante.

Sabe-se que na primeira etapa da alfabetização, a criança precisa saber que os riscos pretos no papel são símbolos e estes têm um respectivo som na fala. A ideia de símbolo ainda é arbitrária e muito vaga para a criança, pois nem sempre o símbolo se parece com aquilo que simbolizamos. A partir deste saber, a criança precisa perceber que as letras do alfabeto têm formas bastante semelhantes, porém o som de cada uma é diferente.

De maneira geral, Lemle explicita:

[...] três capacidades são as partes componentes da capacidade de fazer uma ligação simbólica entre sons da fala e letras do alfabeto. A primeira é a capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala. A segunda é a capacidade de enxergar as distinções entre as letras. A terceira é a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala com suas distinções relevantes na língua (1991, p. 09 - 10).

Sob os estudos realizados por Zanini (1986 p.46 e 47) pode-se entender por aquisição da linguagem o processo pela qual a criança adquire os sistemas fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático da língua do meio social em que vive. Portanto, é o desenvolvimento progressivo do conjunto de processos que permitem o exercício da linguagem.

No processo de alfabetização existe o letramento, um preparatório para a aquisição da linguagem que é quando a criança começa a ter contato com a escrita, se familiarizando com as letras, escrevendo com seus próprios códigos sem se preocupar com a formalização, é o uso social que faz da escrita. Isso ocorre no início do ano letivo. Já após esse período de letramento, a criança, além de precisar do mundo lúdico e abstrato, precisa interagir também com o universo das coisas concretas e complexas para poder ler e escrever.

Entre os seis e sete anos, a criança passa da fase pré-operatória para a das operações concretas, e este é o momento para aprender a ler e escrever. Por isso é importante respeitar o ritmo da criança para que não se transforme em um leitor que não sabe o que lê, fazendo apenas uma leitura mecânica, pois alfabetizar é levar a criança a lidar com o mundo da escrita e dos símbolos.

Ao ler a teoria de Ferreiro e Teberosky (1991), percebe-se que a criança, durante o período de contato com os sinais gráficos, passa por alguns estágios de evolução. O professor precisa estar atento para entender como funciona o processo de aquisição da linguagem, dividido em quatro níveis: no nível Pré-Silábico não há correspondência entre grafia e som;

no nível Silábico, a criança procura corresponder à grafia com a sílaba, geralmente usa uma grafia para cada sílaba; já no nível Silábico-Alfabético, a criança consegue entender que cada grafia corresponde a um som. E, no último nível, o Alfabético ou também conhecido como Fonético, a escrita é organizada através da correspondência entre grafias e fonemas.

Outra preocupação dos docentes é com quais métodos deve-se alfabetizar. É claro que o alfabetizador precisa conhecer diferentes métodos e também testá-los; no entanto, precisa avaliar o quão esses conceitos são adequados para a realidade dos alunos. O professor, com sua criatividade, é livre para inovar e distinguir o melhor método a ser usado. Dentre eles estão o analítico (parte de unidades maiores, como as palavras e textos) e o sintético (parte das unidades menores, como as letras e sílabas).

Existem, também, nos métodos alguns processos. Cabe aqui descrever apenas os que compõem o método sintético, que atualmente costumam ser mais utilizados na alfabetização, como por exemplo, o Alfabético que é o reconhecimento do nome e da forma das letras; no processo Fônico, o discente conhece as letras e seus respectivos sons, geralmente começando pelas vogais que, depois, são combinadas com as consoantes. E por fim, o Silábico que parte das sílabas e o aluno observa que as palavras são formadas por essas estruturas silábicas.

Cabe ressaltar, que um professor alfabetizador precisa saber esses conhecimentos para acompanhar o desenvolvimento das crianças, no entanto com as crianças com Síndrome de Down, o processo de alfabetização não deve ser visto sob ideais da escola regular, pois elas necessitam de um apoio pedagógico e metodológico que se adequem de acordo com seus avanços na aprendizagem. Por isso, que o ato de ensinar a ler e escrever para a criança com Síndrome de Down é um processo constante e que deverá ser acompanhado ano após ano pelos professores e tem como principal objetivo contribuir para a socialização e a inserção ao meio em que vive, através de dinâmicas de grupo, nas quais se estimule a cooperação, a interação da criança com seus colegas e a aceitação social da criança por eles.

Para que alfabetização na vida destes estudantes tenha seu real significado, precisam-se ter teorias e metodologias que permitam com que a criança vivencie, interaja e experimente tudo aquilo que ainda não sabe, pois o processo de alfabetização só iniciará a partir do momento que a criança tenha desenvolvidos algumas habilidades e competências, como por exemplo, descrever objetos e situações, identificar semelhanças e diferenças entre os sons iniciais e finais das palavras, reconhecer os símbolos gráficos, estabelecer relações entre significante e significado, seguir e dar instruções simples, conversar com autoconfiança e com sequência lógica. Posteriormente é necessário encarar o “novo”, ou seja, identificar letras, sons, palavras, sem discriminação e através dos acertos conquistem novos caminhos ao longo da trajetória escolar.

É imprescindível identificar nos estudantes, não só suas limitações, mas suas habilidades e potencialidades no intuito de favorecer uma aprendizagem lúdica, prazerosa e que desperte seus interesses, pois como eles têm dificuldade de abstração é muito importante trabalhar primeiramente com o concreto e com atividades que contribuam para a agilidade e melhor elaboração do pensamento, esta é uma tarefa muito importante a ser desenvolvida pela escola. O educador também deve estar atento ao fato de que, para a construção da escrita e compreensão da leitura, faz-se necessário que o estudante articule corretamente os fonemas, ou seja, fale corretamente, o que, frequentemente, é um grande desafio para as crianças com Down. Outro aspecto que precisa ser incentivado pelo professor em aula são as atividades de psicomotricidade, que explorem esquema corporal, noção espacial, ritmo, equilíbrio.

A equipe escolar também deve interagir com a família, para que esta contribua com informações e participe das atividades que o filho desenvolver, permitindo assim, maior compreensão e colaboração com o seu desenvolvimento, minimizando as dúvidas e ansiedade que os pais têm sobre o processo de alfabetização da criança. A escola também precisa estar atenta para fazer os encaminhamentos necessários a outros profissionais que possam dar assistência ao professor em sala de aula, como por exemplo, psicopedagogos, fonoaudiólogos e fisioterapeutas. Sendo assim, dentro da escola regular, para que o atendimento das crianças incluídas ocorra de forma adequada é preciso uma visão consistente do que é a Educação Especial.

4 CONCEPÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO COM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NAS ESCOLAS E APAES

Por meio de questionário entregue e respondido por professores que atuam com crianças com Síndrome de Down verificaram-se informações muito relevantes em relação aos seus trabalhos com essas crianças. A primeira pergunta consistia em saber qual era a concepção dos mesmos sobre a Educação Inclusiva. Tendo em vista a importância de ressaltar um conceito de Educação Inclusiva, entende-se por esta

Um conjunto de processos educacionais decorrente da execução de políticas articuladas impeditivas de qualquer forma de segregação e de isolamento. Essas políticas buscam alargar o acesso à escola regular, ampliar a participação e assegurar a permanência de TODOS OS ALUNOS nela, independentemente de suas particularidades. Sob o ponto de vista prático, a educação inclusiva garante a qualquer criança o acesso ao Ensino Fundamental, nível de escolaridade obrigatório a todo cidadão brasileiro (CARNEIRO, 2011, p.29).

Quando se fala em Inclusão Escolar, pensam-se primeiramente nas diversas deficiências físicas e mentais, com suas desabilidades, meios de adaptação, métodos de linguagem, etc. Porém a Inclusão vai muito mais além das deficiências. A Inclusão precisa estender-se e transpor, também, nas diferenças sociais, de raça, de credo, de gênero. Incluir significa dar oportunidade de progredir no aprendizado, independente da diversidade em sala da aula e das particularidades de cada indivíduo.

Para Grigorenko e Tenenberg (2010), dificuldade de aprendizagem trata-se de um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos. Para que estas dificuldades de aprendizagem sejam superadas é preciso que ocorra uma educação inclusiva satisfatória. Pacheco (2007) determina o termo “educação inclusiva” como as mais variadas tentativas de atender sobre a diversidade, e ainda complementa que há uma considerável variedade no modo como as pessoas definem esse fenômeno. Já para Brunswick, um sistema educacional que fornece educação inclusiva total baseia-se em algumas crenças e princípios:

[...] todas as crianças conseguem aprender; todas as crianças frequentam classes regulares adequadas à sua idade em suas escolas locais, recebem programas educativos adequados, recebem um currículo relevante às suas necessidades, participam de atividades co-curriculares e extracurriculares, beneficiam-se de da cooperação e da colaboração entre seus lares, sua escola e sua comunidade (BRUNSWICK, 1994 In: PACHECO, 2007, p. 14).

Sobre o aspecto de Educação Inclusiva, as professoras consideram importante, desde que seja pautada no respeito às particularidades de cada indivíduo. E para que aconteça é necessário que a escola se prepare para receber esses estudantes e se adeque a eles e não ao contrário, que os estudantes se adaptem à escola.

Indo ao encontro com a ideia das professoras, Moaci Alves Carneiro logo nas primeiras páginas do seu livro “O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: possibilidades e limitações” faz um apanhado de medidas da União Europeia sobre a educação inclusiva. Uma delas é justamente para que se intensifique os esforços na integração de alunos com deficiência e sobretudo que se adeque a eles “devendo todos os estabelecimentos de ensino estar em condições de ir ao encontro das necessidades dos alunos e estudantes deficientes” (CARNEIRO, 2011, p.21). Por meio desta colocação nota-se a importância de a escola ou instituição de ensino se adequar ao educando com deficiência e não ao contrário, desta forma a inclusão é concretizada e não é mera inserção.

Considerando que a criança com Síndrome de Down também aprende e constrói conhecimento, questionou-se qual o pensamento das professoras acerca disso. As respostas obtidas foram muito relevantes, pois afirmaram que, não só as com Síndrome de Down, mas que todas as pessoas aprendem independente de ter uma deficiência. O que difere é o ritmo e a forma de aprendizagem, sendo levado em consideração que não se aprende apenas conteúdos e saberes acadêmicos, mas socialização, hábitos e atitudes importantes para um desenvolvimento e uma vida saudável também fazem parte de um importante aprendizado.

Com base nestes argumentos, Colli et al. discorrem a cerca da importância de o professor investir nesse alunos, desejando que eles aprendam:

A escolarização destas crianças precisa estar lastreada no desejo do professor, pois este, ao apontar seu desejo para o aprendizado da criança, supõe nela um sujeito também desejante e, portanto, capaz de aprender. Desta disposição da subjetividade é que poderão surgir as curiosidades que abrirão acesso ao sujeito em aprendizagem (1997, p.40).

Em relação a como observam a criança com Síndrome de Down no envolvimento das atividades e na interação com os colegas durante o tempo de aula responderam que essas crianças interagem de forma muito positiva, pois são carinhosos, criativos e felizes na interação com os outros. Quanto ao envolvimento nas atividades, relataram que depende do tipo das mesmas, que em algumas há mais interesse em outras nem tanto, mas que normalmente se envolvem bem, tentando realizar do seu jeito o que lhes é proposto.

Outro questionamento foi em relação à como se dá a aquisição do conhecimento da criança com Síndrome de Down. Para isso, responderam que se dá seguindo as mesmas etapas evolutivas da criança normal. O que muda é o tempo, pois devido à sua deficiência, demora um pouco mais para passar de uma etapa para outra.

Enquanto professor foi questionado quais as principais dificuldades, desafios e conquistas no processo de alfabetização das crianças com Síndrome de Down. Em relação a estes itens disseram que a alfabetização da criança com Síndrome está diretamente ligada a sua deficiência intelectual e que diante disso o maior desafio está em adaptar a aprendizagem, tentando ultrapassar os limites impostos pela deficiência. Em relação à conquista, dizem que está relacionada ao prazer da criança em realizar as atividades e fazer novas associações.

Partir sempre do concreto, incentivando as crianças a progredir é algo importante que ressaltam as professoras no questionário respondido. Relacionar os conteúdos acadêmicos com as atividades que a criança tem facilidade e com as atividades do dia-a-dia. Repetir as atividades várias vezes, num constante de ir e vir trabalhando em contato direto com a família ressalta-se como algo importante também.

Novamente Moaci Alves Carneiro tem a contribuir quando ressalta mais uma medida da União Europeia que contempla a afirmação das professoras quando diz ser importante “Desenvolver e fomentar as relações entre a família, a escola, a comunidade, as atividades recreativas e o mundo do trabalho” (2011, p.21). Percebe-se de fato que a importância de envolver também a família e deixá-la situada sobre o que se está trabalhando, o modo como são desenvolvidas as atividades e a evolução da criança é de suma importância para a evolução dela.

5 ESTRATÉGIAS E PROPOSTAS QUE AGREGUEM O LÚDICO ÀS DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

No ensino da língua escrita e falada e a compreensão do uso da linguagem, é importante lembrar que o estudante precisa descobrir o uso social da leitura e escrita e a alfabetização promove a socialização, pois possibilita trocas de conhecimento com outros indivíduos. Por isso que esta fase é primordial no exercício da cidadania e no desenvolvimento da sociedade.

A metodologia de ensino para as crianças com deficiência tem que acontecer de maneira organizada e sistemática, seguindo um plano de ensino já estruturado. O ensino não pode ser apenas teórico, mas sim, ser um fator que provoque o interesse no educando. Sendo assim, o atendimento à criança com Síndrome de Down deve ocorrer de forma gradual, sem informações isoladas ou mecânicas, pois estas crianças não conseguem absorver grande número de informações.

Uma das maiores preocupações em relação à educação da criança acontece após o nascimento até o sexto ano de idade. E neste período, cabe à Educação Infantil promover à criança maior autonomia, experiências de interação social e adequação. Permitindo que esta seja respeitada como “criança” e se desenvolva nos aspectos afetivos e cognitivos através de uma aprendizagem prazerosa. E para que esta aprendizagem aconteça é necessário propor atividades lúdicas e jogos pedagógicos.

O lúdico tem sua origem na palavra latina ‘*ludus*’ que estaria relacionada apenas ao jogar, ao brincar; porém, com o passar dos anos, passou a ser reconhecido como fator essencial das atividades da dinâmica humana por ser espontâneo, funcional e satisfatório.

Para Luckesi (2009), as atividades lúdicas proporcionam uma experiência em que nos envolvemos por inteiro, sendo ações flexíveis vividas e sentidas pela fantasia, sonhos ou imaginação. O que importa não é apenas o resultado final da atividade, mas os momentos de

cuidar de si e olhar para o outro. E, para a elaboração de uma aula lúdica, é a atitude do professor que fará a diferença em ir além do que já está pronto, rompendo com o método tradicional e criando, assim, coisas novas. Por isso os jogos podem auxiliar, e muito, para o processo de aprendizagem na Alfabetização de crianças com Síndrome de Down, pois sempre foram atividades intrinsecamente ligadas ao ser humano, passando por várias gerações.

Um dos primeiros pensadores a incentivar o uso dos jogos educativos para a formação da criança foi Platão (427-348 a.C.) A palavra **jogo**, substantivo masculino de origem latina, ‘*jocu*’, significa “gracejo” e expressa divertimento, brincadeira e entretenimento.

O jogo pedagógico vai muito além da educação lúdica, pois “é desenvolvido com a intenção explícita de provocar uma aprendizagem significativa, estimular a construção de um novo conhecimento e, principalmente, despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória.” (ANTUNES, 1999, p. 38). Por habilidade operatória entende-se “a aptidão ou capacidade cognitiva e apreciativa específica, que possibilita a compreensão e a intervenção do indivíduo nos fenômenos sociais culturais e que o ajudem a construir conexões” (ANTUNES, 1999, p. 38).

Contudo, jogo sem planejamento é ineficaz e não traz nenhum resultado satisfatório. Por isso existem, segundo Antunes (1999), elementos que condicionam a aplicação das atividades pedagógicas:

- a) A capacidade de se constituir em um fator de auto-estima do aluno, ou seja, jogos muito fáceis ou extremamente difíceis causam o desinteresse por parte do aluno, influenciando na sua auto-estima, fazendo-o sentir-se incapaz ou fracassado.
- b) Condições psicológicas favoráveis: o jogo nunca pode estar atrelado aos termos *trabalho* ou *obrigatoriedade*, mas deve estar ligado ao combate à apatia ou como instrumento de desafio.
- c) Condições ambientais que se referem ao espaço utilizado para o desenvolvimento da atividade. Este deve ser organizado, limpo e seguro.

Outro fator relevante é que os jogos não constituem instrumentos de avaliação, mas são estratégias que oferecem ao professor e aos próprios alunos a possibilidade de observarem o rendimento da aprendizagem, as atitudes, o relacionamento, a cooperação, a atenção e interesse e a eficiência do próprio trabalho, devendo estas ser registradas em uma ficha, a fim de que, no final do semestre/ano, o professor tenha critérios mais objetivos para contribuir com o parecer do aluno com Síndrome de Down.

Nessa perspectiva cabe ressaltar alguns princípios básicos em relação à Alfabetização de crianças com Down: primeiramente as atividades devem partir do concreto para que o estudante possa manusear e explorar com os sentidos do seu corpo e serem adquiridas no ambiente do mesmo; deve ser evitado situações que provoquem estresse/irritação ou que possam traumatizar o aluno; ele deve ser respeitado em todos os aspectos de sua personalidade e a participação da família no processo de alfabetização é indispensável.

Ao pensar em estratégias e propostas que agreguem o lúdico, faz-se necessário traçar objetivos como, por exemplo, estimular a linguagem oral; estruturar o autoconhecimento; desenvolver o campo perceptivo e a compreensão da realidade; progredir satisfatoriamente no desenvolvimento físico; aprimorar; realizar atividades em grupo; desenvolver a independência, organização e os hábitos de bom relacionamento; aprimorar a lateralidade; ampliar e enriquecer o vocabulário, adquirir conceitos de forma, quantidade, tamanho, espaço, tempo e ordem; desenvolver a coordenação motora fina; identificar as letras e seus respectivos sons; aprimorar a consciência fonológica; compreender que a palavra é formada por “pedaços” que são compostos por consoantes e vogais; segmentar oralmente as palavras em sílabas; desenvolver habilidades e adquirir conhecimentos práticos que favoreçam seu comportamento no lar, na escola e na comunidade.

Além disso, as práticas pedagógicas devem garantir experiências diversas para que a criança com Síndrome de Down desde a Educação Infantil tenha um conhecimento de si e do mundo. Dentre elas, a experiência corporal (ver-se diante de um espelho); a experiência com cores (imersão no universo das cores através das sensações das folhas de celofane colorido penduradas em varais); experiência com sons (cortinas coloridas com aplicação de chocalhos e outros objetos sonoros para que a criança toque, investigue e descubra o que a cerca); experiências corporais e afetivas (pegar a criança no colo, trocar olhares e sorrisos, subir em almofadas, pegar brinquedos que estão a uma certa distancia, pegar vários materiais com as mãos); exploração e conhecimento do mundo (utilizar os cinco sentidos para criar conceitos dos objetos, dos alimentos, etc); experiências expressivas (esconder objetos e tentar achá-los motivando a criança com incentivos e expressões faciais); expressão gestual e verbal (ao relacionar nomes dos objetos e situações do cotidiano da criança, nas brincadeiras de imitação, no recontar histórias, na expressão de poesias, parlendas, adivinhas, cantigas de roda e de ninar); expressão dramática (quando a criança entra no faz de conta e compreende a função dos personagens/pessoas na sociedade, como por exemplo o motorista que dirige carros); expressão plástica (atividades relacionadas as artes plásticas utilizando diferentes materiais e técnicas); expressão musical (auxilia no desenvolvimento do raciocínio lógico,

traz envolvimento emocional e é instrumento de interação com brincadeiras para ouvir sons altos ou baixos, tocar instrumentos musicais).

Sabe-se que desde o nascimento, as crianças entram no mundo letrado que se inicia com gestos, olhares e depois com a oralidade, desenhos até chegar à escrita. Por isso, é possível ampliar o letramento utilizando diferentes materiais: letras em cartazes, propagandas, embalagens, brincar de colecionar, comparar e fazer álbuns com letras. As letras e os números podem fazer parte de brincadeiras como o pega-pega.

Partindo destas ideias é possível realizar inúmeras atividades que auxiliem o educando a interagir com todas as áreas do conhecimento, como por exemplo, criar contextos que favoreçam a imersão da criança no mundo matemático através de brincadeiras para pensar sobre como medir e quantificar: desenhar os móveis e objetos dentro da sala, brincar em diferentes posições (deitado, em cima, de lado); classificar conjuntos de objetos com palavras (nenhum, muito, pouco, bastante); criar símbolos para indicar quantidades, fazer coleções de objetos que façam parte do cotidiano da criança, brincadeiras como a dança da cadeira; jogos como o boliche para contar os acertos; medir as crianças; apostar corrida para ver quem chega primeiro; cantar, pular corda e recitar parlendas em ritmo rápido e lento. Além de marcar as batidas com as palmas e os pés, aumentando ou diminuindo o tom de voz; fazer compras no mercado e pagando com o dinheiro confeccionado pelas próprias crianças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebe-se ao longo deste trabalho, a Educação Inclusiva esteve presente em diversos cenários ao longo da história, sendo que no decorrer dos anos foi ganhando espaço e seriedade no campo da educação. O modo de ver e tratar das pessoas com deficiência foi se modificando e deixando de ser segregatório e excludente, ganhando espaço nos debates acerca da educação, inclusive sendo assegurado em lei. Desse modo, é importante uma teoria acerca da aprendizagem dessas crianças, e foi isso que buscamos ao longo deste trabalho, mais especificamente da alfabetização de crianças com Síndrome de Down.

O processo de aprendizagem das crianças com Down, na Alfabetização, é um período de extrema importância tanto para o docente como para o discente, pois quando a criança vai à escola, ela já percorreu um longo caminho elaborando sua linguagem, inserindo-se na língua de sua comunidade, pois linguisticamente, a criança não é uma tabula rasa. Ela é proficiente

em sua língua materna e continua a aprender outras modalidades da fala e da escrita, dentro e fora da escola.

Sendo assim, a aquisição da leitura e escrita deve ser dinâmica, e o professor precisa estar preocupado, não em apenas alcançar, no final do ano letivo, todos os conteúdos propostos da classe regular, mas sim em buscar formas diferentes de trabalho, através de uma proposta que atenda às necessidades cognitivas, intelectuais e físicas destas crianças.

Finalmente, após perceber o quanto é importante que o professor saiba como se dá o processo de aquisição da língua, falada ou escrita, percebe-se o quanto são necessárias novas investigações que aprofundem essa temática e renovem alguns métodos que continuam enraizados nas escolas e que não auxiliam os alfabetizados com Síndrome de Down a serem usuários competentes da língua. Espera-se que os programas de formação para professores possam incluir, em suas grades curriculares, a preparação do professor como investigador da aquisição da linguagem para que o mesmo saiba como propiciar, à criança, diferentes formas de aprender, fugindo dos parâmetros tradicionais. Portanto é preciso criar novas propostas de trabalho que auxiliem os alunos a utilizarem a língua com mais eficácia, transformando o ensino em algo significativo e prazeroso para o educando.

REFERÊNCIAS

Alfabetização na Síndrome de Down. Disponível em:

<<http://neuropsicopedagogiaemfoco.blogspot.com.br/2011/12/alfabetizacao-na-sindrome-de-down.html>>. Acesso em: 10 set. 2013.

A alfabetização de crianças com Síndrome de Down. Disponível em:

<<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-alfabetizacao-criancas-com-sindrome-down.htm>>. Acesso em 06 out. 2013.

Alfabetização de crianças com Síndrome de Down. Disponível em:

<<http://cantinhodofazereaprenderaprender.blogspot.com.br/2011/11/alfabetizacao-de-criancas-com-sindrome.html>>. Acesso em: 28 jan.2014.

A importância da alfabetização de crianças com Síndrome de Down: a inclusão para o ensino regular. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/2013/11/23/a-importancia-da-alfabetizacao-de-criancas-com-sindrome-de-down-a-inclusao-para-o-ensino-regular/>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

Aprendizagem do aluno com Síndrome de Down. Disponível em:

<<://pedagogiaaopedaleta.com/aprendizagem-do-aluno-com-sindrome-de-down/>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências.** 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brincadeira e interações nas diretrizes curriculares para a educação infantil: manual de orientação pedagógica: módulo 1. Brasília: MEC, SEB, 2014.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns**: possibilidades e limitações. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

Como trabalhar a alfabetização com as crianças com Síndrome de Down. Disponível em: <<http://sindownup.blogspot.com.br/2011/03/como-trabalhar-alfabetizacao-com-as.html>> Acesso em: 10 set. 2013.

COLLI, Fernando et al. Começando uma travessia pelo Ponte. In: **Estilos da Clínica**: Revista sobre a Infância, São Paulo, IPUSP, ano II, n.2, 2º semestre, 1997, p. 139-144.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais** – NEE In: Conferência Mundial sobre NEE. UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

GOMÉZ, Ana Maria Salgado, TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de aprendizagem**: manual de orientação para pais e professores. Equipe Cultural: Brasil.

GRIGORENKO, Elena L. STERNBERG, Robert J. **Crianças Rotuladas** - O que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Deficiência Múltipla e Educação no Brasil: discurso e silêncio na história de sujeitos**. Campinas: Autores Associados, 1999.

GONÇALVES, João Henrique. Um bate-papo com o Dr. Zan Mustacchi. Síndromes: **Revista Interdisciplinar de Desenvolvimento Humano**, São Paulo. Ano1. Nº1. P. 4-10, 2011)

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas** - uma abordagem a partir da experiência interna. Disponível em: <<http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>> Acesso em: 20 fev.2014.

PACHECO, José. **Caminhos para a inclusão**: Um guia para o aprimoramento da equipe escolar. São Paulo: Artmed. 2007.

VERELLA, Dráuzio. Alteração genética: Síndrome de Down. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/sindrome-de-down/>>. Acesso em: 06 out. 2013.

ZANINI, Fádia Gonzalez. **Aquisição da Linguagem e Alfabetização**. In: TASCÁ, Maria. POERSCH, José Marcelino. **Suportes Linguísticos para a Alfabetização**. Porto Alegre: Sagra, 1986.